

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
26 de Fevereiro de 2022
IN MEMORIAM ROGÉRIO SAMORA

VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA / 2006

Um filme de José Fonseca e Costa

Argumento: João Constâncio, José Fanha, José Fonseca e Costa, Augusto Sobral e Mário de Carvalho / *Diretor de fotografia (digital, cor):* Acácio de Almeida (técnico de imagem digital: Artur Santana) / *Cenários e figurinos:* Isabel Branco / *Música:* Thomas Bloch; trechos de Mendelssohn, Chopin e Offenbach / *Montagem:* Bob Williams / *Som (Dolby):* Vasco Pedroso, Ricardo Viñas (consultoria para o Dolby) / *Interpretação:* Bianca Byington (*Ana Catarina de Silgueiros*), Cucha Carvalho (*Mariana, a aia*), José Raposo (*o abade*), Rogério Samora (*Capitão Eugénio Malaparte*), Ricardo Pereira (*Adrião*), Diogo Dória (*Conde Gastão de Fallorca*), Anton Skrzypiciel (*Williamson*), Luís Mascarenhas (*o médico*), Helena Vieira (*a cantora de ópera*), Carlos Nabais (*Manuel*) e outros.

Produção: Paulo Branco, para Clap Filmes em co-produção Plateau Produções (Brasil), com subsídios do IPACA (Instituto Português do Cinema e Audiovisual) e da RTP (Rádio-Televisão Portuguesa) / *Cópia:* 35 mm / *Duração:* 135 minutos / *Estreia mundial:* 16 de Novembro de 2006 (Braga, Porto, Aveiro, Coimbra, Setúbal, Almada e Lisboa).

É muito possível que as aventuras que se passaram nos bastidores da produção de **Viúva Rica Solteira Não Fica** possam (ou pudessem ou teriam podido) suscitar um filme com variadas peripécias. O projeto de Fonseca e Costa foi um dos dois a terem sido contemplados com subsídios pelo júri do ICA (ex IPC, futuro ICAM e então IPACA, ou coisa que o valha) em 1997. O outro filme a ser contemplado pelos subsídios outorgados por este júri foi **O Rio do Ouro**, de Paulo Rocha, que teve estreia pública no Festival de Cannes, em Maio de 1998, mais de oito anos antes do filme que vamos ver. Mas embora o seu filme não tivesse sido feito nas datas razoavelmente previstas, Fonseca e Costa voltou a ser contemplado, pelos misteriosos caminhos do cinema, por um júri de um concurso posterior do mesmo instituto, salvo erro para **Fascínio**. Mas, seja como for, acabou por fazer **Viúva Rica Solteira Não Fica**, sem se afastar do projeto inicial. Praticamente ignorado pela crítica portuguesa mais sobranceira (a julgar pelo que se encontra - ou melhor, não se encontra - na rica base de dados desta cinemateca), o filme foi distribuído em sete cidades, num total de doze salas de cinema (muitas das quais em centros comerciais), o que é uma distribuição em relativamente grande escala para um filme português, mesmo um que se destine abertamente ao *grande público*, embora sem querer descer ao nível do *é tão mau que é bom* de um filme como **O Crime do Padre Amaro**, de Carlos Coelho da Silva, por exemplo. José Fonseca e Costa é um cineasta demasiado astuto, ciente do que faz e do que é o cinema para julgar que é boa ideia limitar-se a “dar ao público o que ele quer”, para citarmos a fórmula consagrada. Preferiu, visivelmente, surpreendê-lo dentro de um esquema reconhecível, o que está longe de ser a mesma coisa. Como é frequente no seu cinema, tudo é extremamente calculado para que o resultado seja um produto específico, embora não se possa falar em receita.

Este esquema reconhecível consiste em fixar um contexto familiar (a alta burguesia portuguesa de província na passagem do século XIX para o século XX, muito precisamente de 1890 a 1908), no qual é inserida uma história que repete e ao mesmo tempo contradiz os esquemas narrativos dos filmes, telefilmes, séries e telenovelas situados no referido período: uma jovem e rica herdeira é levada a fazer um

casamento arranjado. Mas em vez de abordar este tema clássico do amor contrariado pelo ângulo do drama ou do melodrama, o realizador optou pelo humor e o cinismo e a mulher, longe de ser uma vítima, faz dos seus quatro primeiros maridos as suas vítimas, no sentido literal do termo, já que empurra o primeiro para a morte e mata tranquilamente os três outros, temperando-lhes a sopa com cristal moído. A maioria dos atores é familiar ao público através da televisão (clássica e inevitável solução para aqueles que querem evitar o desemprego crónico), aos quais se juntam dois rostos do *cinema de autor* (Diogo Dória e Rogério Samora, quem sabe em algum *private joke* com o cinema de Manoel de Oliveira) e o rosto novo de Bianca Byington (*novo* para o espectador português, embora talvez já reconhecível através de alguma novela brasileira, porque ela tem cerca de vinte anos a mais que o personagem quando o filme começa), a quem o realizador tem a grande inteligência e habilidade de não pedir mais do que ela seria capaz de dar (os atores brasileiros de novela não costumam ser capazes de dar muito). O resultado é que *não* estamos diante de um trabalho de “atores de novela”, com aquela espécie de naturalismo raso, semelhante ao dos atores amadores e como os protagonistas mentem de modo permanente uns aos outros há um divertido jogo de enganos, bastante bem transmitido ao espectador. A direção de fotografia foi confiada ao técnico mais reputado da sua geração (e de outras) em Portugal e aquilo a que os americanos chamam *valores de produção*, isto é os cenários, adereços e figurinos, são de primeira ordem. Para o cenário principal, soube-se escolher muito bem um solar, que cria um *décor* convincente, ao passo que nenhum dos fatos tem aquele ar novinho em folha que caracteriza os maus filmes de época e tolhem totalmente a *suspensão de incredulidade* do espectador, fator indispensável para quem quer entrar em qualquer obra de ficção. Há, por conseguinte, todo um esquema bem pensado e bem preparado para que o filme “funcione” e que, dentro dos parâmetros aparentemente desejados pelo realizador, funciona. É evidente que intenção foi fazer um *divertimento* e é inegável que este objetivo foi atingido. Fonseca e Costa sabe que uma trama narrativa não pode ser composta apenas pelos diálogos, que um filme (sobretudo “de época”) não é uma seleção de decalcomanias decorativas e consegue manter uma tensão narrativa, branda porém constante, ao longo das duas horas e quinze minutos de projeção. Usa com propriedade pormenores sonoros e visuais. No primeiro caso, célebres melodias de Mendelssohn, Chopin e Offenbach, para assinalar os casamentos (marcha nupcial), as viuvezes (marcha fúnebre) e a alegria da protagonista (uma barcarola) quando esta decide livrar-se dos maridos. No domínio visual, há a ideia das taças de cristal, tralhas de um marido com quem a protagonista não tem nenhuma vida sexual concreta, que se transformam em armas de morte. Uma taça que se parte por acaso dá à ama de chaves da casa a ideia de fazer uma mezinha peculiar, para apressar a viuvez da sua jovem ama e ao longo do filme as taças, partidas por acaso ou por vontade, assinalam ao espectador que o destino do marido atual daquela futura viúva já está traçado. Para não desperdiçar esta boa ideia, Fonseca e Costa utiliza-a no desenlace, quando a quádrupla viúva finalmente consegue casar-se com o homem que desejava e que, entretanto, passou de labrego a rico. É quando as conveniências sociais, o interesse financeiro e o desejo sexual se cristalizam num só homem que a protagonista poderá ser feliz, embora o ponto final deste filme feito com habilidade seja uma pequena dúvida (mais um cálice que se parte), que suscita um pequeno riso de cumplicidade.

Antonio Rodrigues